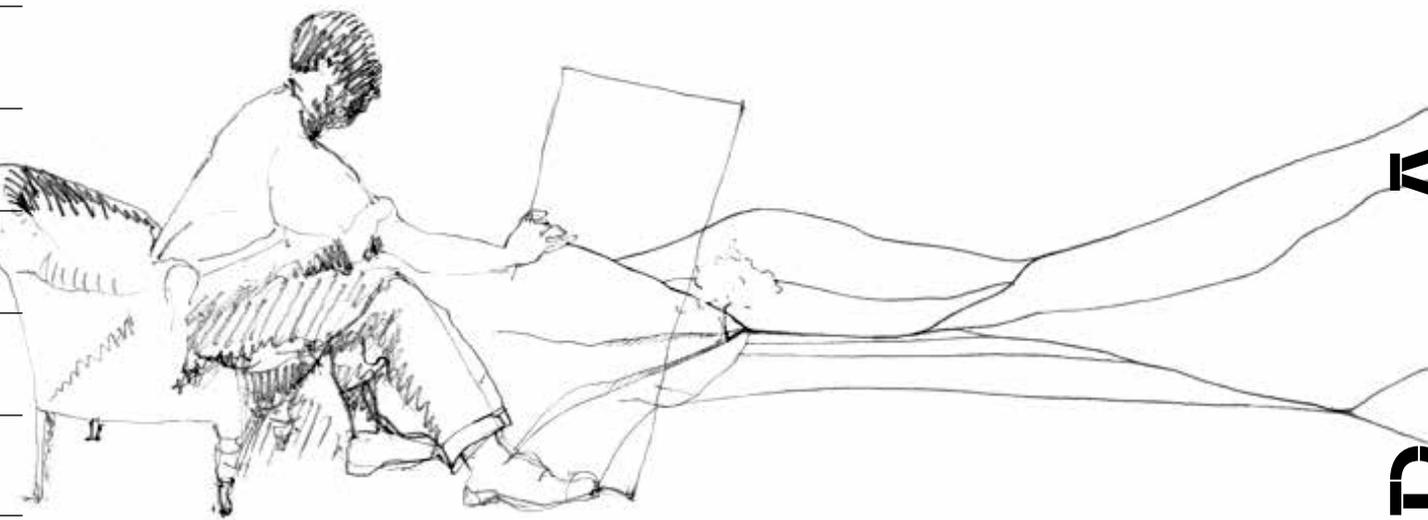


Alexandre Alves Costa

O Espaço do Olhar



O título geral que dei a este texto foi “O espaço do olhar” (fig. 1), que me servirá de pretexto para falar de arquitectura, do homem, da paisagem e da multiplicidade e complexidade de que se reveste o nosso exercício disciplinar. Seleccionei alguns trabalhos que vos vou apresentar: Castelo Velho em Freixo de Numão, Santa Clara-a-Velha, em Coimbra, uma pequena Torre/Biblioteca no Campus de Azurém em Guimarães, Lavadouro Público e Museu na Afurada todos em coautoria com Sergio Fernandez.

Musealização do Sítio de Castelo Velho, Freixo de Numão, 1998-2006

Castelo Velho é um monumento que, com outros semelhantes, organizou a paisagem, sacralizando-a. Teve uma ocupação pré-histórica que remonta ao III milénio aC. Apresenta um recinto murado, de forma circular, construído em alvenaria de xisto sem nenhum talhe, complementado por outras construções no seu interior, igualmente circulares, e por um sistema de rampas e taludes revestidos com argila. Durante os anos que duraram as escavações, dirigidas pela Arqueóloga Susana Oliveira Jorge, muitos homens e mulheres, uns mais sábios do que outros, discutiram o significado do que estavam a descobrir. No interior daquele círculo, como que encerrados num mundo concentracionário, tentaram reconstruir uma vivência e uma cultura que nos são totalmente alheios, procurando encontrar uma coerência que estruturasse os critérios a seguir para o seu restauro e consolidação. Os dados científicos que o rigor da escavação fornecia, foram insuficientes e só quando a invenção os usou como matéria sua, se foi encontrando uma narrativa que recolocou as pedras e a argamassa no sítio próprio. O objectivo e o subjectivo, a ciência e a arte, o conhecimento rigoroso e a invenção poética, transformaram aquele monumento, dedicado não sabemos a que deuses, certamente ligados à geografia do território, num monumento sobre o verdadeiro método de construção do conhecimento. Assistimos atónitos à decifração do enigma e percebemos como era precária e provisória a solução encontrada que tinha alegrado toda a gente (fig. 2).

Que fazer?

Acessos, um estacionamento que, abandonado o automóvel nunca mais se sentisse, um percurso de visita, reversível, que libertasse a topografia. O círculo, figura geométrica perfeita como Deus, deu o mote para o desenho (fig. 3).

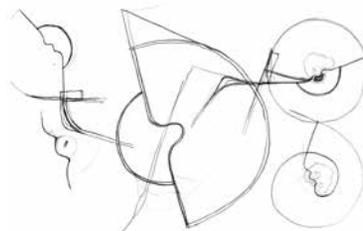
Mas era pouco.

Quisemos construir um lugar que nunca existira, para ver o mundo, como nunca ninguém tinha visto antes, e que fosse uma marca no horizonte da continuidade da presença do homem, sem o qual aquela paisagem seria muda (fig. 4 e 5). Projetámos uma atalaia para ser vista e ver, como aprendemos nas torres senhoriais pré-românicas e manuelinas (fig. 6 e 7).

1. Desenho de Alexandre Alves Costa



2. Castelo Velho, Freixo de Numão. Foto de Oliveira Jorge



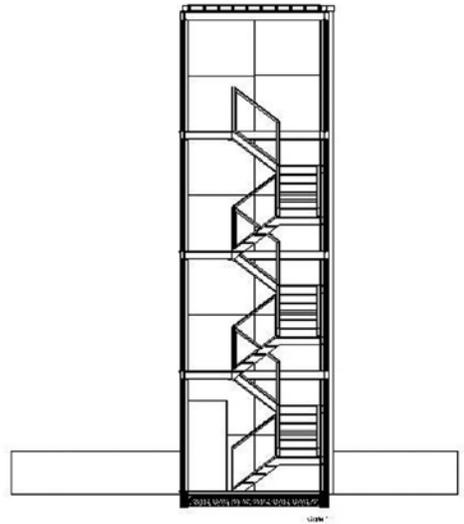
3. Esquisso da Musealização do Sítio de Castelo Velho, Freixo de Numão, 1998-2006. Arquivo Atelier 15.



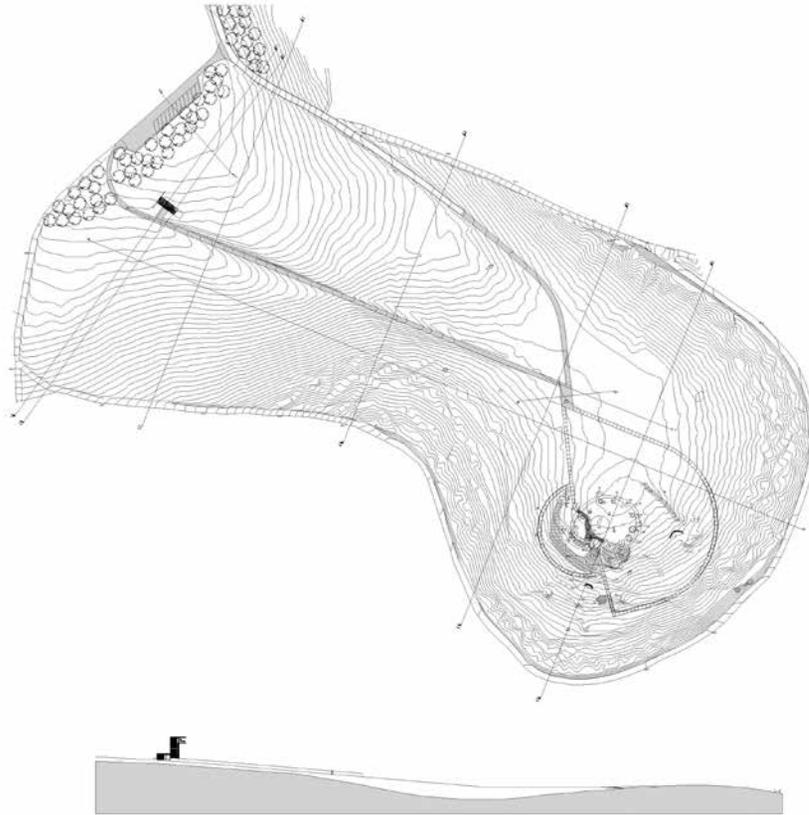
4.



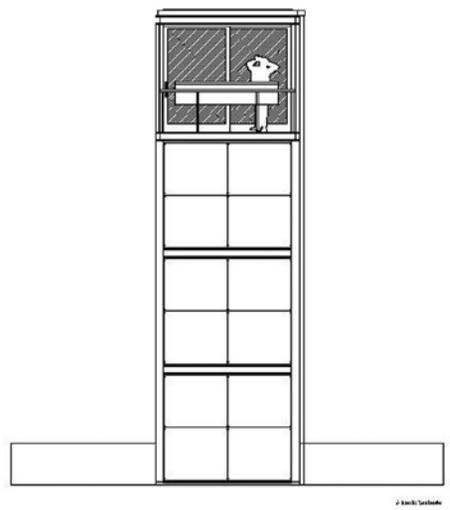
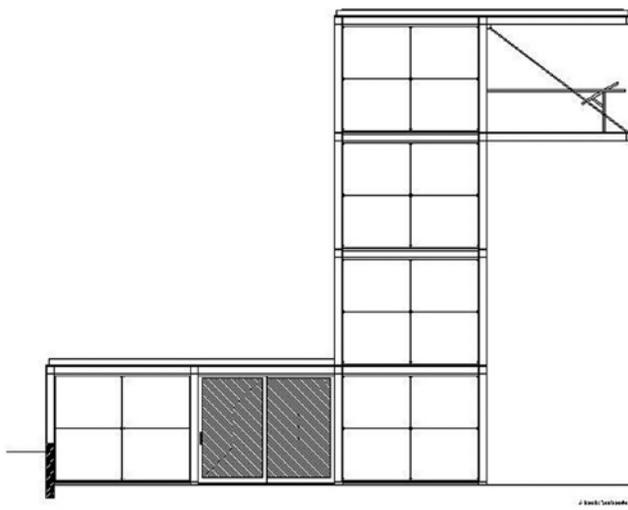
5. Musealização do Sítio de Castelo Velho, Freixo de Numão, 1998-2006. Fotos de Oliveira Jorge



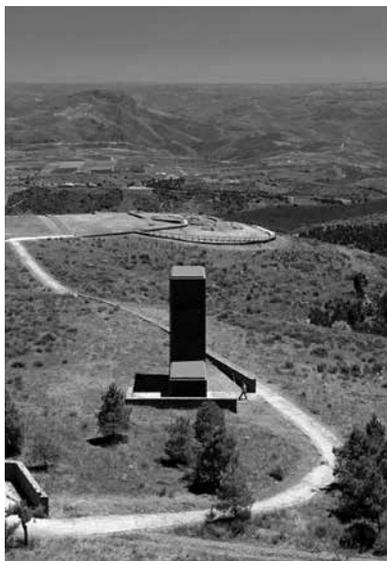
7. Planta e Perfil da Musealização do Sítio de Castelo Velho, Freixo de Numão, 1998-2006. Arquivo Atelier 15.



6. Planta e Perfil da Musealização do Sítio de Castelo Velho, Freixo de Numão, 1998-2006. Arquivo Atelier 15.



8. Torre. Atelier 15.



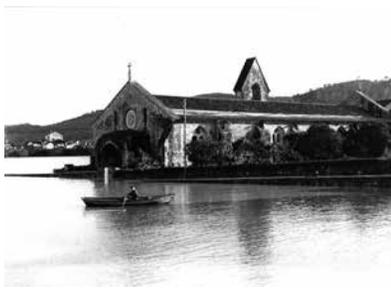
9. Torre. Musealização do Sítio de Castelo Velho, Freixo de Numão, 1998 – 2006. Foto de Oliveira Jorge.



10. Torre. Musealização do Sítio de Castelo Velho, Freixo de Numão, 1998 – 2006. Foto de Oliveira Jorge.

E é interessante que, tal como aquelas, conforme nos afastamos a sua imagem parece aumentar a sua dimensão e a sua presença. Agora, de muito longe nos vemos a nós próprios, com a humildade do orgulho de só nós sabermos.

Subindo à pequena torre, vemos e entendemos o mundo. Somos vistos e vemos, em homenagem aos que por ali andaram durante milénios, a construir santuários para serem vistos e donde se pudessem ver os deuses (fig. 8, 9 e 10).



11. Santa Clara-a-Velha. Arquivo Câmara Municipal de Coimbra



12. Interior da Igreja. Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002–2008. Foto de Luís Ferreira Alves



13. Santa Clara-a-Velha. Arquivo Atelier 15

Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002–2008

Deixemos a História, para outra altura mais didática, e demos a palavra às freiras, através de um belo texto inventado pelo Manuel Graça Dias (2010, p.18):

Construímos a nossa casa, o nosso abrigo, o lugar das nossas orações e o túmulo que, no futuro, abrigará connosco a nossa Rainha; daqui não sairemos por mais que o Mondego nos tente expulsar, empapando os laranjais, destruindo o nosso trabalho, o esforço de pedra, a beleza das alturas que conquistámos góticas, o perfil da emprestada torre com que exibimos a Coimbra, ao longe, o recorte e o êxito do nosso trabalho (fig. 11 e 12).

As questões mais importantes que se levantaram, neste projeto, foram as que se prenderam com a musealização da igreja e das ruínas, critérios para o seu usufruto público, conservação e restauro dos elementos descobertos e a descoberto.

Tentámos libertar o espaço da igreja de todos os elementos espúrios que prejudicavam a sua leitura e, ainda, tornar mais confortável o pavimento, nas áreas em que se encontrava perdida a sua integridade (fig. 13 e 14).

Foi nossa posição de princípio que qualquer obra de arquitetura por mais importante que seja do ponto de vista patrimonial, íntegra ou arruinada, deve ser visitada livremente, sem imposições de percursos que obriguem a visões parciais ou tenham implícitas interpretações não verificáveis senão por quem teve acesso a toda a informação (fig. 15).

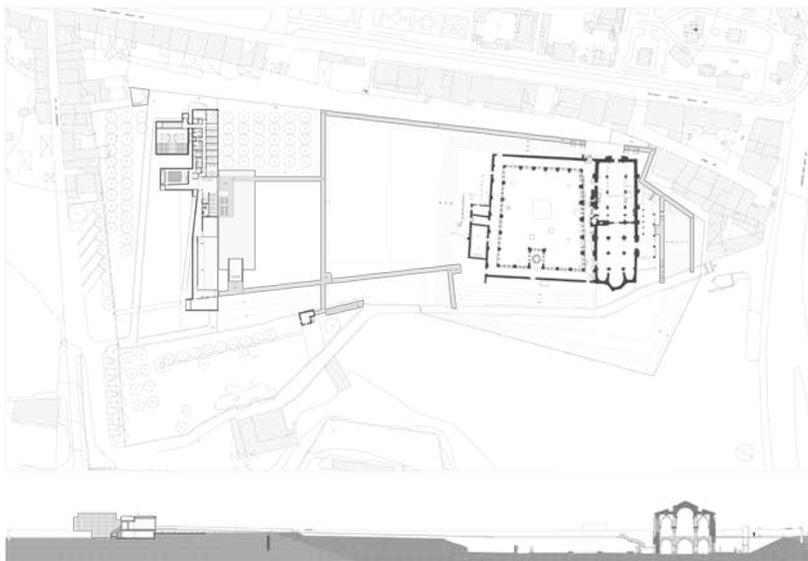
Importante é mesmo a dimensão dos devaneios, formas de inscrição através da escrita deambulatória, labiríntica, em deriva: calcorrear, cartografar, como se numa terra por vir. Nós todos seremos autores insubstituíveis de Santa Clara. E no silêncio da sua inutilidade lemos e revemo-nos.

Depois, como em Castelo Velho, criámos um lugar para ver e ler a ruína (fig. 16).

O edifício do museu funciona como uma espécie de remate sul da área da cerca (fig. 17 e 18). O novo edifício não deverá competir nem "aproximar-se" do monumento, pelo que tem um carácter fortemente abstracto e unitário, anulando-se na transparência da sua fachada Norte, transformando-se numa espécie de espelho da cena que observa. Quem o olhar do lado da igreja deverá sentir a existência de um fundo constituído por um rectângulo de vidro, mais do que por um paralelepípedo aberto (fig. 19).

Em contraponto com este, o alçado sul, será quase completamente encerrado, admitindo alguma complexidade volumétrica (fig. 20).

Percorrendo uma rampa e entrando no espaço de recepção o visitante será surpreendido pela visão de todo o terreno tratado, com a igreja e as ruínas do claustro, ao fundo, implantadas a uma cota bem



17.



14. Interior da Igreja. Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002 – 2008. Foto de Luís Ferreira Alves



15. Interior da Igreja. Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002 – 2008. Foto de Atelier 15



16. Vista do museu. Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002 – 2008. Foto de Luís Ferreira Alves

inferior à do espelho de água, em primeiro plano (fig. 21).

Testemunho do poder destrutivo do tempo e do triunfo da natureza sobre a cultura, a ruína confere, todavia, à paisagem, uma marca humana que a abre para uma dimensão histórica. Apesar da sua falta de utilidade, a ruína desempenha o seu próprio papel graças à imaginação que vê nela um símbolo de acontecimentos do passado, investindo-a de valores particulares, tornando-a fonte de conhecimento (fig. 22).

A ruína pode evocar o passado glorioso e a caducidade de todas as coisas. Pode dar origem a um sentimento subtilmente crepuscular, pode ser uma ruína clamorosa, eloquente como uma massa obstrutiva ou um efêmero bastidor visual, uma ironia irrisória. Continuamos a dizer que, a cada visitante, gostaríamos de deixar espaço para o seu próprio discurso: a criação do lugar, emoldurando a paisagem, conferindo-lhe protagonismo, estimulará, assim o desejamos, a criatividade (fig. 23).

À arquitetura criou um espaço artificial, espécie de contentor de acontecimentos que pode ser, também, uma máquina óptica que exercita, fomenta e, também, condiciona, a construção do olhar.

A arquitetura pode ser a sua mediação, o quadrado da janela por onde se pode ver e, também, mas não necessariamente, ser visto. É o olhar enquadrado do *vê como eu vejo*, como pode ser o espaço do olhar do *vê com os limites que eu imponho*. O quadrado da janela ou o espaço organizado interpretam um certo conhecimento das regras estáveis, insubstituíveis, condição de subsistência e desejáveis porque permitem manter o que há de essencial em cada momento e resistir, com saúde, à maravilhosa dinâmica do provisório e do fortuito em que nos incorporamos mais ou menos prazenteiramente (fig. 24).



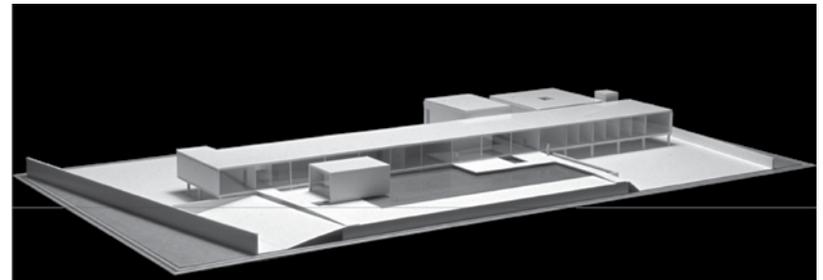
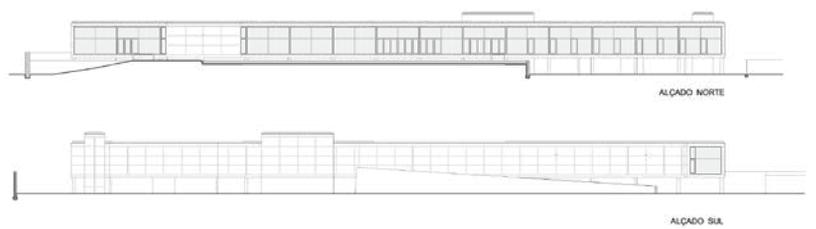
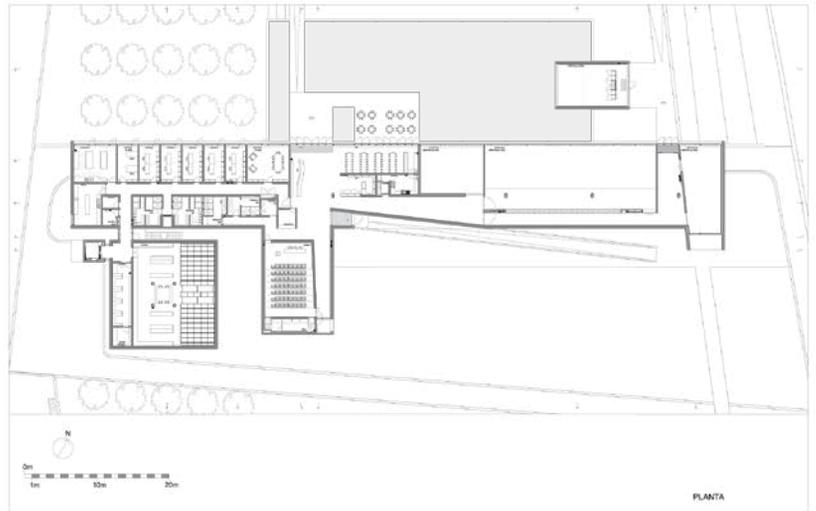
19 – 21. Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002-2008. Foto de Luís Ferreira Alves



22. Igreja. Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002-2008. Foto de Atelier 15



23. Auditório. Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002-2008. Foto de Fernando Guerra



18. Planta, corte, alçado e visualização do museu. Valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, Coimbra, 2002-2008. Arquivo Atelier 15

Escolas de Ciências e Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães, 1996/2000...

Torre/Biblioteca 2014

Construímos, aqui, uma composição articulada, com alguma complexidade, cruzando a interpretação das várias condicionantes com o programa que, por si só, impôs um sistema de interdependências funcionais nada simples: duas Escolas uma delas com três Departamentos, com alguma autonomia funcional entre si (fig. 25). Esta articulação e estas complexidades se, por um lado, representaram um acréscimo de dificuldade na racionalização da solução, por outro lado abriram oportunidades para um estimulante exercício formal que tentou transformar o edifício, na sua globalidade, numa síntese figurativa de todos os elementos que estiveram na base do seu desenho (fig. 26, 27).

Não me interessa, neste contexto, aprofundar muito as razões do edifício de composição mais linear, o da Escola de Ciências que se sujeita do lado norte a uma geometria que dependia do desenho de uma praça mais ou menos quadrangular, aqui esboçada pelo Arquitecto Távora (fig. 28), e que se liberta, do lado sul, para uma realidade menos rígida, seja na topografia, seja no construído distante, onde se eleva o perfil do Castelo de Guimarães, cuja Torre de Menagem passou a ser desejada como uma espécie de centro virtual da forma circular que o edifício virá a assumir (fig. 29).

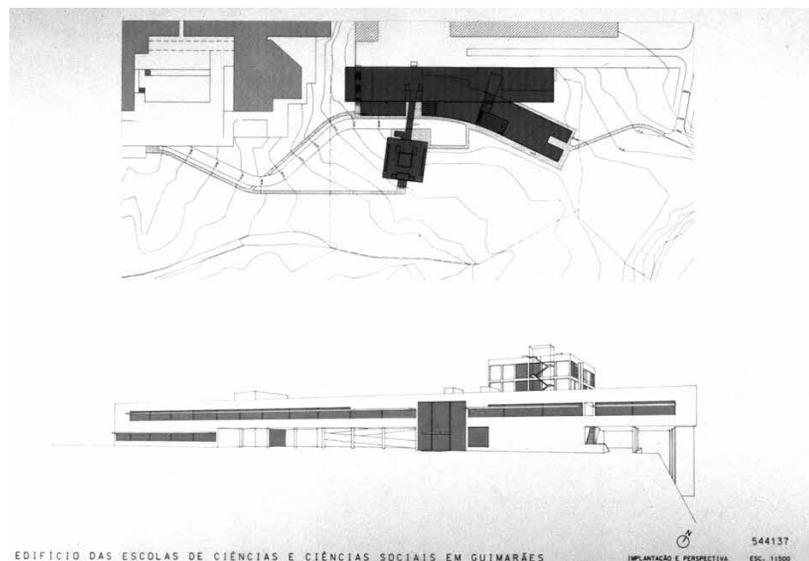
O que nos interessa salientar, nesta circunstância, é a existência de um volume destinado à Escola de Ciências Sociais, uma pequena torre atarracada, que, separando-se do conjunto, veio a constituir, de



24. Pierre Bonnard, "Dining Room Overlooking the Garden" (1930-31)



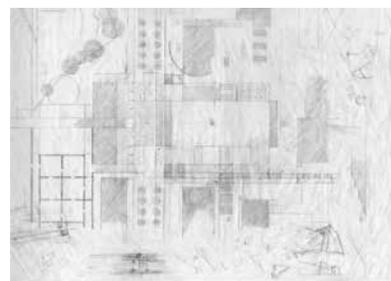
26.



25. Projecto para as Escolas de Ciências e Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães, 1996/2000. Torre/Biblioteca, 2014. Arquivo Atelier 15



27. Interior. Escolas de Ciências e Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães, 1996/2000. Torre/Biblioteca, 2014. Foto de Luís Ferreira Alves

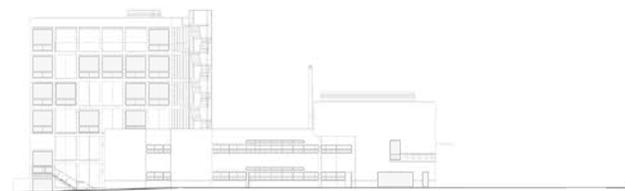


28. Fernando Távora. Esquisso da praça.

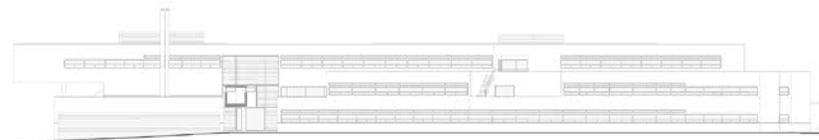
30. Projecto, corte e alçados. Escolas de Ciências e Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães, 1996 / 2000. Torre / Biblioteca, 2014. Arquivo Atelier 15.



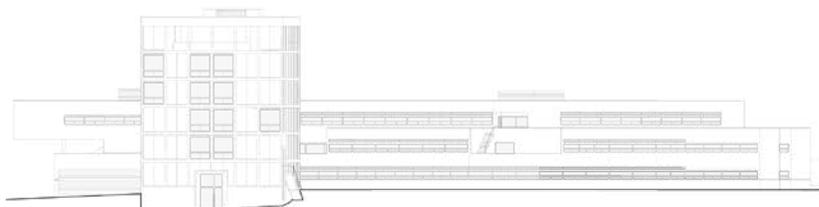
29. Escolas de Ciências e Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães, 1996 / 2000. Torre / Biblioteca, 2014. Foto de Luís Ferreira Alves



ALÇADO NORDESTE



ALÇADO SUDOESTE (Ciências)



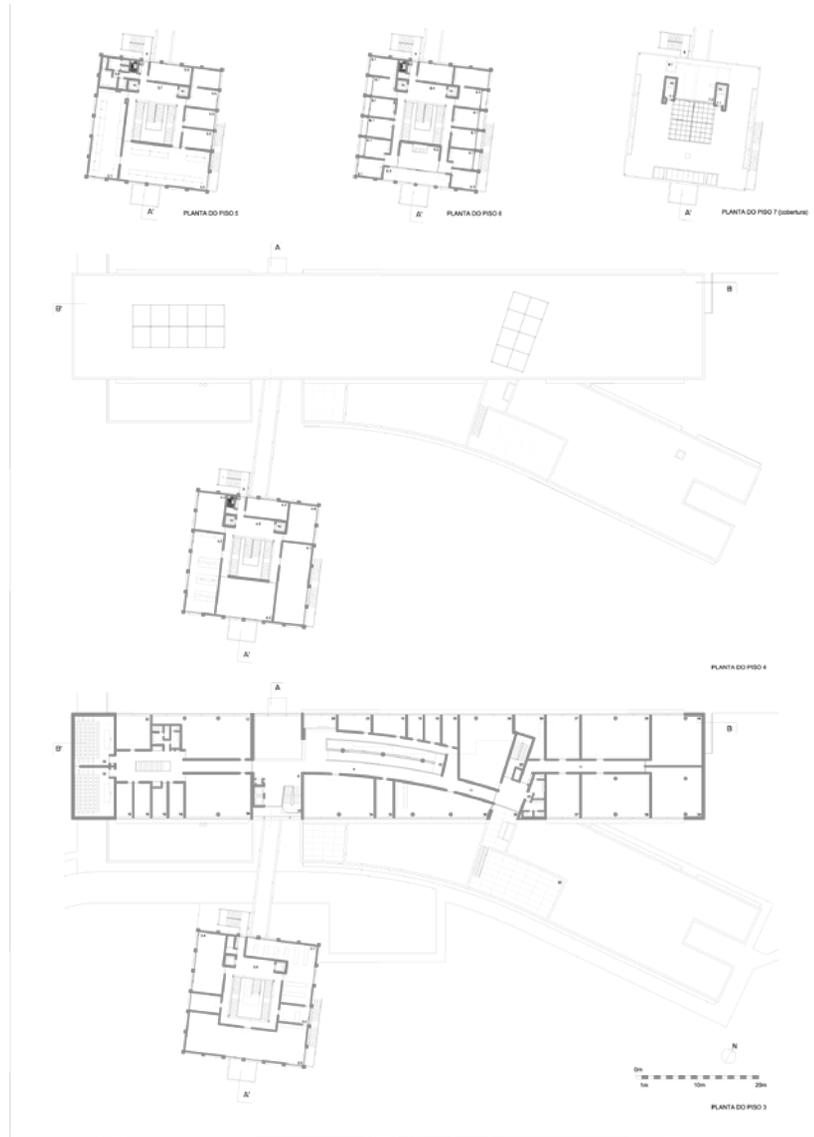
0m
1m 50m 20m

ALÇADO SUDESTE (Ciências Sociais e Ciências)

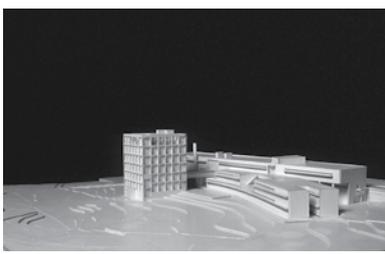
facto, o seu centro de composição. Distinguíamos, assim, esta Escola do conjunto dos Departamentos da Escola de Ciências (fig. 30).

A sua localização face ao longínquo Castelo e um pouco excêntrica em relação ao conjunto dos edifícios que constituem o Campus de Azurém, a sua escala, muito mais do que as suas dimensões, e a quadrícula abstracta do desenho dos seus alçados, conferem-lhe um carácter distintivo e uma certa solenidade: a solenidade das marcas no território, sempre caracterizadas pela sua autonomia formal relativamente à envolvente (fig. 31).

Este é, por este conjunto de razões, um edifício para ser visto, mais do que para ver, não interessando especialmente o seu conteúdo programático. A forma não é significativa e o seu programa não se revela. Talvez se aproxime de uma escultura ou de um monumento a que o desenho da caixilharia envidraçada acrescenta uma suspeita de enigmática vida interior (fig. 32).



31. Projecto, plantas. Escolas de Ciências e Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães, 1996 / 2000. Torre / Biblioteca, 2014



32. Maqueta. Escolas de Ciências e Ciências Sociais da Universidade do Minho, Guimarães, 1996 / 2000. Torre / Biblioteca, 2014

Assim, tentamos afastar o observador de qualquer tentação por uma análise crítica funcionalista que busque na forma uma representação do conteúdo, cujo significado é aqui indiferente.

Quando nos pediram para preencher aquela exata estrutura com um programa de Biblioteca Central da Universidade, a substituir o programa inicialmente proposto, sorrimos por várias razões.

Primeiro, porque só construindo esta pequena torre, daríamos sentido à composição do conjunto já edificado da Escola de Ciências. Segundo, porque iríamos poder concretizar exatamente o que tínhamos concebido, acrescentado, agora, com um valor de forte simbolismo como contendor do conhecimento científico universal, dificilmente conciliável com qualquer linguagem figurativa ou significativa.

Até aqui, teoria e desenho. A Arquitetura ainda está em falta, vamos a ver quando ela falar através da construção.



33. Afurada, Vila Nova de Gaia. Foto de Atelier 15



34. Fotomontagem. Lavadouro Público da Afurada, Vila Nova de Gaia, 2002 – 2004



35. Afurada, Vila Nova de Gaia. Foto de Atelier 15



36. Afurada, Vila Nova de Gaia. Foto de Atelier 15

Lavadouro Público da Afurada, Vila Nova de Gaia, 2002-2004

A Afurada é uma aldeia de pescadores, totalmente separada até aos dias de hoje do espaço urbano de Vila Nova de Gaia. Este isolamento conferiu-lhe, como a outras terras do mesmo género, um carácter próprio muito marcante. A regularidade dos traçados das ruas e do loteamento das correntezas de casas, é o comum numa vila nova planificada.

A pequena dimensão das habitações, para além de outros factores, tem como consequência, que uma parte substancial da vivência dita doméstica se passe na rua, ocupada maioritariamente por mulheres, enquanto os homens descansam da noite passada no mar alto (fig. 33).

O Plano que elaboramos, integrado no programa Gaia/Polis, tratou predominantemente de valorizar o espaço público favorecendo a referida vivência. Não o vou descrever detalhadamente, mas incluía, ainda, a localização de uma nova igreja a cota baixa, um jardim escola, acertos no porto de pesca e aprestos e uma proposta para um novo porto de recreio. Integrava alguns projectos parcelares elaborados por outros profissionais, como é o caso, entre outros, destes dois últimos, aprestos e porto de recreio (fig. 34).

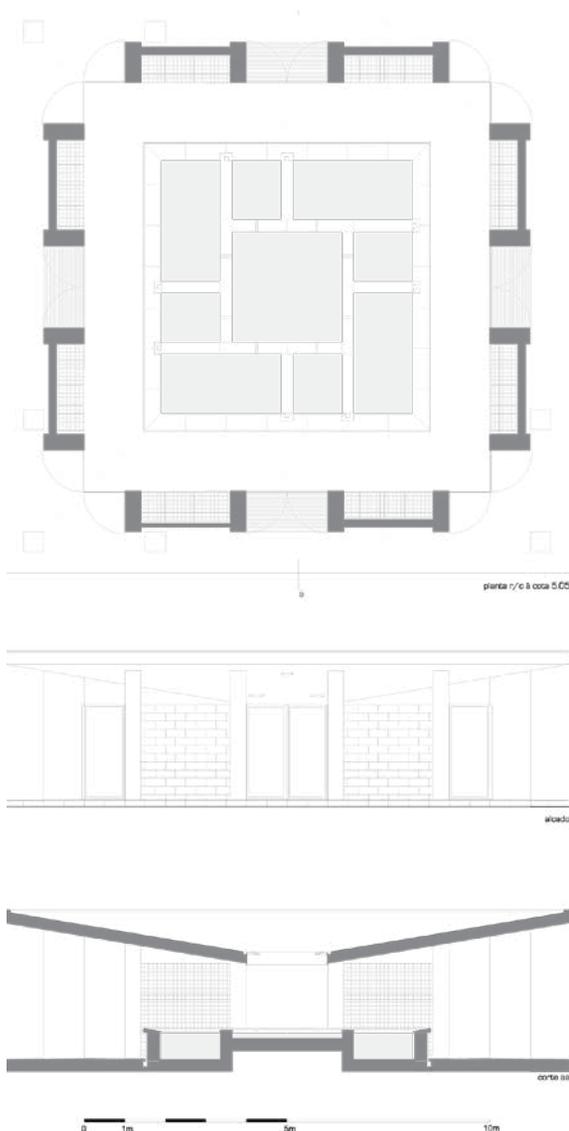
Na Afurada, a vivência colectiva, com excepção das festas de S. Pedro, tem uma clara fronteira entre o mundo masculino e o feminino. A pesca é uma actividade vivida exclusivamente pelos homens que, das traineiras, que partem ao fim da tarde para o alto mar, se prolonga, pelo porto, nos aprestos, onde, diariamente, as redes e outros artefactos são tratados, ou pelas tabernas onde se revivem as histórias de antigamente, do tempo dos bacalhoeiros, ou as de hoje, quando o mar e o escuro os assusta (fig. 35).

As mulheres, excluídas destas aventuras de medo e bravura, tratam da casa, da comida e das roupas. Estas roupas, as próprias e as que aceitam lavar por encomenda, são pretexto para um convívio informal, mas muito rico, que tem a sua sede no lavadouro público (fig. 36).

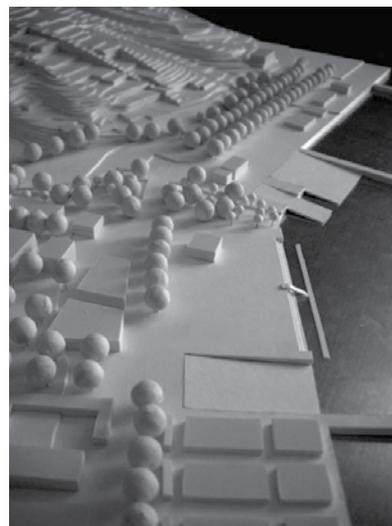
A razão da implantação do novo lavadouro e estendal anexo, prendeu-se com razões de ordem histórica e funcional. A sua colocação numa cota baixa permite a utilização da água do ribeiro, a partir de um pequeno açude que, poderá vir a ser um elemento enriquecedor no arranjo paisagístico de um futuro parque lúdico e desportivo (fig. 37). Propomos, ainda, a manutenção do estendal, no local tradicional, bem insulado, como uma espécie de mediador entre a vida urbana e a paisagem (fig. 38).

O lavadouro, que se admite venha a ter uma durabilidade limitada no tempo, implantado a eixo de uma passagem para o Centro Cívico, ganhará a dimensão simbólica de monumento, homenagem a uma intensa vivência, feminina, quando for, apenas, memória do passado.

A opção pela planta central tem a ver com alguns dos referidos aspectos de natureza simbólica, mas, também, funcional (fig. 39). Por um lado os edifícios de planta central, neste caso quadrada, sobretudo quando não são marcados por uma entrada única, não determinam uma orientação que os prenda a qualquer contexto e ganham uma



39. Projecto. Lavadouro Público da Afurada, Vila Nova de Gaia, 2002–2004. Arquivo Atelier 15



37. Maqueta. Lavadouro Público da Afurada, Vila Nova de Gaia, 2002–2004



38. Exterior. Lavadouro Público da Afurada, Vila Nova de Gaia, 2002–2004. Foto de Danilo Pavone



40. Interior. Lavadouro Público da Afurada, Vila Nova de Gaia, 2002–2004. Foto de Atelier 15

grande autonomia formal que os aproximam, como desejámos aqui, do conceito de monumento. Tal como no edifício/torre de Guimarães. A desmultiplicação das entradas ajuda, ainda, à ausência de relações preferenciais com a envolvente, acentuando-lhe uma pertença colectiva e não sectorial. Por outro lado, a referida centralidade, atribuí ao seu uso um carácter de concentração colectiva num ponto único, conferindo-lhe qualidades espaciais que favorecem a convivialidade. Todos os olhares se cruzam circularmente, como no recinto de Castelo Velho.

A cobertura de quatro águas “invertidas”, que se abrem sobre um tanque central, receptor de todas as águas limpas, acentua-lhe os significados pretendidos (fig. 40).



41. Apreostos da Afurada Vila Nova de Gaia.
Foto de Atelier 15.

Museu da Afurada Vila Nova de Gaia, 2007-2012

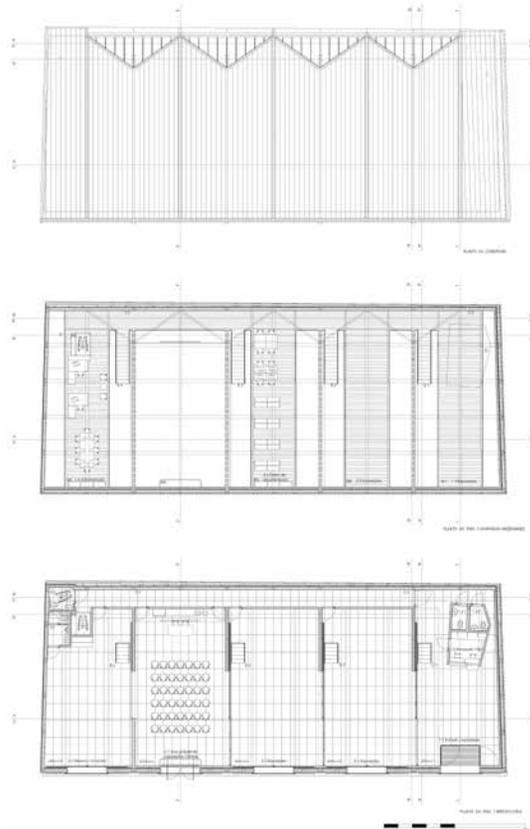
Os aprestos, como vimos, são lugares masculinos e suporte de representações que tentam afastar os perigos.

O nosso Plano tinha classificado como imóvel de interesse público um grupo de antigos aprestos abandonados, com dignidade. Pareciam poder representar, para a população, uma memória antiga de que se podiam orgulhar. Tinham, ainda, a qualidade de estarem integrados na malha urbana e não em zona marginal isolada da vida doméstica. O seu valor patrimonial decorria, não da sua qualidade monumental ou arquitectónica, mas do seu valor simbólico. O acumular de significados acarretava uma responsabilidade acrescida na escolha da forma certa. Não foram menores nem o empenho, nem o esforço de reflexão, para clarificar aqueles significados que, ficcionados ou reconhecíveis existiam em Castelo Velho ou em Santa Clara de Coimbra.

Propusemos a sua adaptação a Museu do Sítio, espécie de memória da vida daquele lugar, da pesca do bacalhau, dos desastres, das cheias, das festas. Albergando um conteúdo que representasse a sua devolução à população, deveria ser um espaço aberto, transparente, com uma relação muito intensa com a rua, como é toda a vida na Afurada.

A sua adaptação a Museu implicou, dado o estado de ruína em que se encontravam, a consideração da impossibilidade de os restaurar.

43. Projecto. Museu da Afurada Vila Nova de Gaia, 2007-2012. Arquivo Atelier 15.



42. Rua de acesso. Museu da Afurada Vila Nova de Gaia, 2007-2012. Foto de Luís Ferreira Alves

Assim, o nosso projeto é uma reposição que tenta, no essencial, garantir a manutenção da sua imagem ou uma sua releitura que preserve ou até enfatize o seu significado, o contrário da Biblioteca em Guimarães (fig. 41 e 42).

O projeto de musealização, de que discordamos desde o primeiro minuto, perverteu todas as nossas intenções, fechando a relação com a rua, encerrando-se à participação da população. De um objecto de que todos deveriam tomar posse, passou a ser um recinto fechado que se abre controladamente a quem pague bilhete de ingresso. É um espaço que não deixa olhar, nem se deixa ver (fig. 43 e 44)

Entretanto desapareceram auditório, arquivos e zonas de investigação que faziam parte do programa inicial.

Procurávamos que fossem os moradores da Afurada a desenhar a arquitetura dos novos espaços renovados e com isso se fossem, orgulhosamente, reencontrando consigo próprios.

Por este trabalho e, assim desgostosos, recebemos a Medalha de Ouro da Cidade de Vila Nova de Gaia, despropositado prémio de consolação!

Ficará o esqueleto de uma boa intenção a caminho do alto mar.



45. Interior. Museu da Afurada Vila Nova de Gaia, 2007 – 2012. Foto de Luís Ferreira Alves



44. Projecto. Museu da Afurada Vila Nova de Gaia, 2007-2012. Arquivo Atelier 15.

References:

Dias, M. G. (2009), Sete séculos para vencer a razão. Arquitectura de valorização do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha em Coimbra. ECDJ, *Ressurreição Santa Clara-a-Velha*, 12, 17-23.